

Documento 2 (teste 1)

ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA DA ARRIBA FÓSSIL DACOSTA DE CAPARICA

por J. Pais (UNL) in Geologia de Verão 2002 (Guia de visita de estudo)

«(...) Maior relevância tem a arriba, hoje fóssil, mas que o não era até tempos não muito recuados, como mostra a cartografia. A carta marítima de Fernando Álvaro seco datada de 1560 não marca a existência de terras na zona da Costa de Caparica. Também um dos mapas mais antigos com indicações de profundidades, de origem holandesa e datado de 1583, revela apenas a existência de cordão de areia disposto paralelamente à costa, entre a Trafaria e a Fonte da Telha (aproximadamente), e uma lagoa de Albufeira largamente aberta ao oceano.

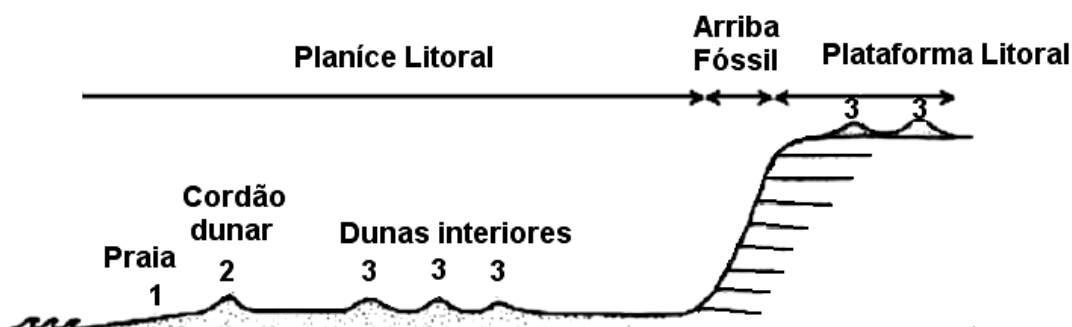
A Carta topográfica militar do terreno da Península de Setúbal, levantada em 1813-1815 (desenho de 1816), em tempo ainda conturbado pelas guerras napoleónicas, mostra, no essencial, uma situação semelhante à actual. A execução cuidada, com relevo a sombreado, confere-lhe fiabilidade.

Porém, há diferenças em relação ao "Plan du Port de Lisbonne et des costes voisines" (1756). Este, em que medida merece confiança? Porquê uma carta de marinha francesa, cujo levantamento foi certamente dispendioso? O rigor do mapa é, no contexto técnico do tempo, digno de nota, o que não surpreende, visto não ser de somenos importância pelo valor estratégico do porto.

Inglaterra e França eram rivais. A crise, europeia e ultramarina, conduziu à guerra dos 7 anos (1756-1763). Para combater os adversários, a França procurou a aliança dos países onde reinavam Bourbons (concretizada pelo "Pacto de Família", 1761); Portugal, reticente até por causa dos tratados com o Reino Unido (ao qual as facilidades, portuárias e outras, serviam) não aderiu. Para a França e aliados, era importante o controlo de Portugal. É óbvio que o domínio militar foi considerado por franceses e espanhóis. A conquista de Lisboa era crítica. Porém, a repetição do êxito de 1580, o da invasão magistralmente comandada pelo Duque de Alba, supunha o controlo do porto. Esta circunstância explica a necessidade do mapa francês, rigoroso, com indicação precisa das profundidades, o que supõe uma campanha de sondagens suficientemente prolongada. O fracasso da invasão de Portugal em 1762 deve-se, em parte, à impossibilidade de os atacantes dominarem a embocadura do Tejo protegida pelas esquadras britânica e portuguesa.

Pelo "Plan ...", é óbvio que o levantamento (mas não o desenho) é algo anterior ao terramoto do 1º de Novembro de 1755, como se vê pela anexa "Idée de la Ville de Lisbonne" ainda com o Paço da Ribeira e o Hospital de Todos os Santos. Em suma, o "Plan ..." dá-nos indicações bastante seguras da geografia regional antes do megassismo.

Comparando os dois documentos, há diferenças: antes de 1755 as arribas estavam directamente em contacto com a praia e, portanto, limitavam a linha de costa; além disso, nada consta quanto à povoação de Cabanas da Costa, representada no mapa de 1816 e que só terá sido possível pós-terramoto, com a emersão da vasta área onde hoje existe a Costa de Caparica. Nestas condições pode afirmar-se que o megassismo fossilizou a arriba, afastando o mar para uma posição próxima da actual.»



Perfil geomorfológico esquemático do litoral (Costa da Caparica)